

Onde estão os adultos?

Uma das mais conhecidas assertivas de Freud é de que o destino de uma sociedade ou de uma cultura depende em grande medida do destino dado à agressividade e à sexualidade. Eu acrescentaria que a maneira como nós tratamos a infância, e, mais precisamente, as crianças, também vai determinar o caminho de nossa sociedade. Os recentes casos de violência envolvendo crianças, como o do pequeno João Vitor, da menina Isabela Nardone, e, mais recentemente, dos dois irmãos que foram mortos, queimados e esquartejados pelo pai e pela madrasta, revelam algo bastante inquietante e perturbador: estamos perdendo o respeito pela infância e a capacidade para lidar com as crianças. Algumas considerações podem ser feitas para corroborar esta incômoda hipótese.

O estilo de vida pós-moderno impôs determinadas formas de convivência e relacionamento humano que alteraram profundamente a maneira pela qual nos dispomos a dedicar tempo e energia psíquica para ouvir e compreender o outro. Casamentos são facilmente desfeitos em virtude de conflitos que em outras épocas seriam resolvidos sem grandes problemas. Relacionamentos amorosos começam e terminam numa velocidade que impede o simples registro em nossas mentes das pessoas que passaram por nós. Consumimos e descartamos produtos sem sequer refletirmos sobre a utilidade e necessidade que eles detêm. Impomos velocidade extraordinária às tarefas mais rotineiras de nosso dia, revelando uma patente impaciência para esperar ou dedicar tempo extra para conhecer melhor determinadas situações cotidianas. Terceirizamos as mais variadas atividades que antes estavam circunscritas ao espaço do lar e ao ambiente familiar, como fazer refeições, dar cuidados básicos aos filhos. As mais elementares responsabilidades da família foram transferidas para especialistas. Agora, temos profissionais para adestrar nossos cães, e nossos filhos, arrumar nossas casas, e nossas vidas, supervisionar nosso comportamento e nossas relações. As constantes queixas, de que nossas crianças estão cada vez mais com ausências de limites, parecem apontar menos para nossos sentimentos de culpa e mais para nossa impaciência. Enfim, a vida pós-moderna nos ensinou que somos impacientes e incompetentes.

Os repetidos casos que assistimos de violência contra a criança parece se inserir neste contexto de modo preocupante. No caso do menino João Hélio, arrastado por um assaltante enquanto fugiu com o carro que roubou, verificamos uma desconsideração total pela condição humana, reduzida a obstáculo indesejável no caminho da consecução de um determinado objetivo. Aqui, a idéia de que a criança e a infância precisam ser preservadas está ausente. Pode se tratar de caso isolado. O episódio da morte de Isabela Nardone chama a atenção por guardar, também, a idéia de que a criança se tornou um estorvo, um elemento que está incomodamente colocado entre dois adultos que não têm disposição para planejar e administrar a vida conjugal diante desta "presença incômoda". Outro caso trazido ao público (provavelmente muitos outros ficam no anonimato), o dos dois irmãos assassinados, expõe com dramática ênfase a intolerância adulta diante dos pedidos constantes de ajuda da criança. Uma sucessão de erros, a começar pela psicóloga, a qual acreditava que as crianças distorciam a realidade para se beneficiar, até passar pela conselheira tutelar, que se apressou em devolver as crianças ao perigo do lar assassino, faz crer, mais uma vez, que não temos mais tempo, nem paciência, nem disposição emocional para dar suporte afetivo às crianças. A maneira como eles foram simplesmente eliminados dá uma idéia de que, mais uma vez, a infância, com suas inúmeras demandas e urgências, não pôde ser acolhida.



Seja nos exemplos do cotidiano, ou dos tenebrosos crimes, o que parece estar ocorrendo é uma tendência em tolerar cada vez menos as crianças. Provavelmente, estamos muito ocupados com nossas urgências infantis. Provavelmente, as crianças devem estar se perguntando: onde estão os adultos?

MOHAMAD ALI ABDUL RAHIM

Mestre e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e especialista em Psicologia da Educação. Atualmente, é secretário de Educação de Guarujá e professor na Universidade Paulista (Unip)